



DIOCESE DE CAMETÁ
Av. Cônego Siqueira, 1653
68400-000 Cametá-Pará-Brasil
Fone: (91) 3781-1157
Email: pcameta@cnbbrn2.org.br

ESPIRITUALIDADE DO PADRE DIOCESANO E O TRÍDUO PASCAL

“O Sacerdote não é para si, mas para vós... (S. João Maria Vianney)

“O princípio interior, a virtude que orienta e anima a vida espiritual do presbítero, enquanto configurado a Cristo Cabeça e Pastor, é a caridade pastoral, participação da própria caridade pastoral de Cristo Jesus: dom gratuito do Espírito Santo, e, ao mesmo tempo, tarefa e apelo a uma resposta livre e responsável do sacerdote. O conteúdo essencial da caridade pastoral é o dom de si; o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo” (PDV n.23).

Na vivência profunda do Tríduo Pascal, ponto alto da Semana Santa, que se inicia com a Missa vespertina da quinta-feira Santa e se conclui com a Vigília Pascal, o sacerdote é convidado a participar dos grandes Mistérios da vida de Jesus: Paixão, Morte e Ressurreição.

O Padre diocesano tem uma espiritualidade sim, centrada no único modelo: Jesus, Sacerdote Verdadeiro e Bom Pastor. Não podemos ter dúvidas desta espiritualidade, e cada presbítero deve ser o primeiro a viver e testemunhar profundamente a mesma. Procurando viver em plenitude a espiritualidade do Mestre Jesus, o ideal do pastor se aproxima ao do Apóstolo Paulo: “não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Ao povo de Deus, que está sob o cuidado do padre diocesano pelo ministério que lhe é confiado, interessa precisamente essa identidade com Jesus Cristo. Pois é à luz dessa busca de identificação ao Eterno Sacerdote, que o padre diocesano conduz seu rebanho na imitação deste Bom Pastor.

O Padre Diocesano, diferente do religioso, que tem uma espiritualidade deixada como herança por seus fundadores, é enriquecido por essa identidade com Jesus Cristo. Por isso mesmo essa espiritualidade contempla diretamente os Mistérios salvíficos, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, que nos convida a viver nossa vocação, espiritualidade e missão com profunda interioridade. É o Espírito Santo quem vai animar toda nossa vida de pastor, correspondendo sempre à estatura de Cristo, que é o próprio Evangelho. Assim, cada sacerdote busca, portanto, cumprir santamente e com zelo pastoral a missão que Deus lhe confiou junto ao seu Bispo e a seus irmãos presbíteros. Aqui está sua espiritualidade, a entrega total, na ação e na contemplação, à porção da Igreja em que exerce o seu pastoreio, unido ao bispo e a todo o presbitério, primeira comunidade da Diocese.

Motivado e sustentado por esta espiritualidade profunda, venho desejar a cada padre desta amada Diocese, que viva este Tríduo, embalado pela força dos Mistérios de Cristo. Os três dias do Tríduo Pascal

formam uma só celebração, que resume todo o mistério da Páscoa. Por isso, nas celebrações da quinta-feira à noite e da sexta-feira à tarde não se dá a bênção final; ela só será dada, solenemente, no final da Vigília Pascal.

Na Quinta-feira Santa de manhã (ou em outro dia em que as necessidades pastorais aconselharem, e de modo especial neste tempo de pandemia), celebra-se a instituição da Eucaristia e do Sacerdócio ministerial. A Eucaristia é o sacramento do Corpo e Sangue de Cristo, que se oferece como alimento espiritual. Pelo segundo ano consecutivo a Missa do Crisma foi adiada, devido ao aumento das mortes causadas pela Covid-19, mas como sacerdote, devemos tirar um tempo diante do Santíssimo para pedir forças ao “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, que apague nossas iniquidades, incoerências e relembrar no silêncio do nosso coração as promessas sacerdotais que fizemos diante de Jesus Cristo, no dia da nossa ordenação presbiteral.

À noite desta Quinta-feira Santa acontece a celebração solene da Missa em que se faz memória da instituição da Eucaristia, do mandato do amor ao próximo e do Sacerdócio ministerial. Nessa missa, realiza-se a Cerimônia do Lava-pés, em que o celebrante recorda o gesto de Cristo, que lavou os pés dos seus apóstolos. Esse gesto procura transmitir a mensagem de que o cristão deve ser humilde e servidor. Neste ano, por causa da pandemia, estamos privados da realização deste gesto, mas estaremos com plena liberdade de pedir a Deus que lave os nossos corações para vivermos o mandamento do amor.

Nessa celebração também se recorda o mandamento novo que Jesus deixou: “Eu vos dou um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei”. Comungar o Corpo e Sangue de Cristo na Eucaristia implica a vivência do amor fraterno e do serviço. Essa é a lição da celebração. Que em nosso presbitério possamos com base neste novo mandamento, renovar as nossas forças, alargar nosso horizonte, para perseverar na esperança.

Na Sexta-feira Santa, a Igreja contempla o mistério do grande amor de Deus pelos homens. Ela se recolhe no silêncio, na oração e na escuta da Palavra Divina, procurando entender o significado profundo da morte do Senhor. Neste dia não há missa. À tarde acontece a Celebração da Paixão e Morte de Jesus, com a proclamação da Palavra, a oração universal, a adoração da cruz e a distribuição da Sagrada Comunhão. Por estarmos vivendo pela segunda vez um ano atípico, não teremos o beijo da cruz, aberto ao povo, mas fica reservado apenas para o presidente da celebração, como já foi orientado pela Santa Sé, CNBB e Diocese.

Na primeira parte, são proclamados um texto do profeta Isaías sobre o Servo Sofredor, figura de Cristo, depois a Carta aos Hebreus, que ressalta a fidelidade de Jesus ao projeto do Pai, e o relato da paixão e morte de Cristo, segundo o evangelista João. São três textos muito ricos e que se completam, ressaltando a missão salvadora de Jesus Cristo. O segundo momento é a Oração Universal, compreendendo diversas preces pela Igreja e pela humanidade. Aos pés do Redentor imolado, a Igreja faz as suas súplicas confiantes. Depois segue-se o momento solene e profundo da apresentação da Cruz, convidando todos a adorarem o Salvador nela pregado: “Eis o lenho da Cruz, do qual pendeu a salvação do mundo. – Vinde adoremos”. E

o quarto momento é a comunhão. Todos revivem a morte do Senhor e querem receber seu Corpo e Sangue; é a proclamação da fé no Cristo que morreu, mas ressuscitou. Nesse dia, a Igreja pede o sacrifício do jejum e da abstinência de carne como ato de homenagem e gratidão a Cristo, para ajudar-nos a viver mais intensamente esse mistério, e como gesto de solidariedade com tantos irmãos que não têm o necessário para viver, especialmente neste tempo de pandemia, com muitos desempregados, em vários lugares, que, sem poder sair de casa, se veem envolvidos pela miséria e fome, que afetam nosso povo. Aumentou o número de pessoas que estão sobrevivendo com apenas uma refeição ao dia, isso quando conseguem.

A Semana Santa não se encerra com a sexta-feira, mas no dia seguinte, quando se celebra a vitória de Jesus. Só há sentido em celebrar a cruz quando se vive a certeza da ressurreição. Sábado Santo é dia de silêncio e de oração. A Igreja permanece junto ao sepulcro, meditando no mistério da morte do Senhor e na expectativa de sua ressurreição.

À noite, a Igreja celebra a solene Vigília Pascal, a “mãe de todas as vigílias”, revivendo a ressurreição de Cristo, a vitória sobre o pecado e a morte. A cerimônia é carregada de ricos simbolismos, que nos lembram a ação de Deus, a luz e a vida nova que brotam da ressurreição de Cristo. Neste contexto, peçamos pelo fim da pandemia, para que se renove a esperança do povo e a vida volte a brilhar.

Então o tempo se abre para a Páscoa! Após termos retomado os vários símbolos e rezado solenemente a liturgia, partimos para as alegrias pascais, prolongadas pela oitava e celebradas nos 50 dias desse belíssimo tempo, convidando-nos a ser suas testemunhas até os confins da terra!

Domingo da Ressurreição, “este é o dia que o Senhor nos fez, dia de alegria e de júbilo”. Cristo morreu e ressuscitou de uma vez para sempre e para todos, mas a força da Ressurreição, esta passagem da escravidão do mal à liberdade do bem, deve realizar-se em todos os tempos, nos espaços concretos da nossa existência, na nossa vida de cada dia. Como padres diocesanos temos nossa espiritualidade centrada na pessoa de Jesus Cristo, o bom Pastor, Aquele que ajuda as ovelhas a enfrentarem os perigos, as ameaças. Quantos desertos tem o ser humano de atravessar ainda hoje! Sobretudo o deserto que existe dentro dele, quando falta o amor de Deus e ao próximo, quando falta a consciência de ser guardião de tudo o que o Criador nos deu e continua a dar. Mas a misericórdia de Deus pode fazer florir mesmo na terra mais árida, pode devolver a vida aos ossos secos (Ez 37, 1-14).

Queridos padres, mergulhados na espiritualidade diocesana, poderemos viver os mistérios de Cristo. Feliz Tríduo Pascal!

***“Para que nossa oração seja ouvida não depende da quantidade de palavras,
mas do fervor de nossas almas” (São João Maria Vianney).***

Cametá, 31 de março de 2021.

+ José Altevir da Silva
Dom José Altevir da Silva, CSSp
Bispo Diocesano de Cametá